

INTRODUÇÃO

Uma década de prova levou-me, primeiro, ao Raja Yoga¹, depois, a percorrer a poesia e as tragédias gregas e, em seguida, sucessivamente, às filosofias e religiões orientais, à descoberta do haiku, daí ao *grande encontro* da poesia chinesa² e, no final, à retomada da procura de Deus.

Quando, aos 30 anos, a primeira crise espiritual me conduziu à *descoberta pessoal* da impossibilidade de um Deus criador e onnipotente³ (que me fora dado a beber antes de mais no seio familiar e comunitário)⁴, duas *novas descobertas* se manifestaram na etapa crítica mais recente, ambas de igual contraste com a tradição cristã (muito especialmente com a do catolicismo ibérico): a primeira revelou o contraste relativamente à identificação do *núcleo espiritual central*, na medida em que a força motriz do ioga reside não na ideia de pecado⁵ (e na da correspondente necessidade de redenção e apoio do *Além*), mas sim na mobilização das virtudes individuais, bem como no

esforço contínuo de *cada um* para alcançar a Paz – a que afinal todos os seres aspiram⁶; a segunda revelou o contraste entre o *tipo de orações* cristãs e as «orações», se assim lhes pudéssemos chamar, orientais (como, por exemplo, os cânticos xintoístas)⁷, na medida em que as primeiras, além de monocórdicas⁸ e por vezes absurdas⁹, seguem o *padrão* de «pedir» a terceiros (a Deus, a Cristo, à Virgem, aos santos) aquilo que as religiões e as filosofias orientais pedem ao próprio crente ou, simplesmente, esperam da natureza ou do momento-que-passa; com as agravantes de, no catolicismo (em contraste, por exemplo, com o anglicanismo), só muito raramente as orações se dirigirem verdadeiramente a Deus¹⁰ (sendo ao invés nele manifesta a preferência por Maria, por Cristo ou pelos santos) e de a generalidade das orações ser realmente desprovida de *capacidade de prestação* espiritual, sendo-lhes ainda indiferente tanto o esforço individual (do crente), quanto uma qualquer *função transformativa*¹¹ – reservada talvez aos místicos¹², que por isso mesmo farão uso de outras formas de diálogo com o divino¹³.

Ora, estas duas novas descobertas, juntamente com o fascínio surgido da abertura a outros horizontes de observação, incluindo aí, de forma autónoma, os do Antigo Testamento (e, por conseguinte, nessa parte, também a cultura e a tradição judaicas)¹⁴ levam a que se possa colocar a questão de uma forma muito *crua*: como foi possível

a um poeta do século VI antes de Cristo (Píndaro) cantar «inacessíveis hinos»^{15, 16} aos atletas vencedores dos jogos gregos (olímpicos e píticos), como foi possível a dezenas e dezenas de poetas chineses (a começar por Li Bai)¹⁷ e, alguns séculos mais tarde, também aos poetas japoneses (como Matsuo Bashô)¹⁸ terem-nos legado muitas centenas de esplêndidos poemas de louvor à Lua¹⁹, quando, em contrapartida, volvidos 2000 anos de religiosidade cristã, nos deparamos, salvo contadas exceções²⁰, com tamanho *deserto de orações* similares *relativamente a Deus?*

Voltando ao Antigo Testamento, não será preciso todavia percorrer os Livros Sapienciais, nem sequer o Cântico dos Cânticos ou os Salmos²¹, para encontrar pérolas como estas, de Isaías²²:

«Lavai-vos, tornai-vos puros.
Removei as iniquidades das vossas almas
Diante dos meus olhos.
Cessai as vossas <ações> iníquas:
Aprendeis a fazer <o> bem.

Se afastares de ti o que prende
[...] E se deres, a quem tem fome, pão da tua alma,
E se cumulares uma alma que foi rebaixada,
Então a tua luz se levantará na escuridão,
E a tua escuridão será como o meio-dia».

Perante a assinalada carestia, a solução de recurso a que, ao longo destes anos, tenho lançado mão foi a de pedir apoio não só à poesia, sobretudo a da época de ouro da poesia chinesa – a da dinastia Tang (618-906)^{23, 24} –, à leitura vezes sem conta da obra mística anónima do século XIV *A Nuvem do Não-Saber*²⁵ e a um ou outro romance (como *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa), mas sobretudo a de me servir de algumas passagens do poema hindu *Bhagavad-Guitá*, especialmente a seguinte (retirada do respectivo capítulo XII)²⁶:

«Quem, isento de ódio, amante e compassivo para com todas as criaturas, humilde, desinteressado, de ânimo constante no prazer e na dor, resignado, contente, sempre devoto, tendo domínio sobre si, resolutamente, depositou em mim o seu coração e o seu pensamento e me adora, é amado por mim».

E a pergunta final é esta: é mesmo necessária uma oração?

Subjectivamente, a resposta é «sim»: nesta fase, que é ainda²⁷ a da *assiduidade*²⁸, longe por isso das últimas etapas do percurso, em que uma palavra ou uma sílaba bastarão²⁹ (ou mesmo nenhuma palavra)³⁰, a ajuda de uma *oração particular*³¹ funcionará como um bastão; objectivamente, por muitas razões, que aqui é impossível expor,

a resposta também me parece ser afirmativa: ora porque a procura de Deus exige igualmente um árduo³² esforço *individual*³³, ora pela ânsia inerente a essa procura³⁴, ora pela crueza do sofrimento espiritual³⁵, ora pela necessidade da luta contra o esquecimento³⁶, ora pela alegria de viver³⁷ (ou pela alegria de O encontrar), ora pela beleza de tudo o que nos rodeia³⁸.

Julho de 2023